

Ciência sempre

Seja no enfrentamento de enfermidades humanas ou nos desafios fitossanitários, a resposta virá sempre da Ciência

As maiores pandemias e epidemias da história da humanidade foram peste bubônica, varíola, cólera, gripe espanhola, gripe suína, ebola, Aids, dengue, malária, tuberculose, tifo, febre amarela e sarampo.

A descoberta das causas e das curas ou combates de todas essas enfermidades se deu através da Ciência, ou seja, das pesquisas realizadas por “cientistas” em instituições que sempre priorizaram a vida das pessoas.

Em dezembro de 2019 surgiu a Covid-19, uma nova pandemia que após 18 meses (maio de 2021) infectou mais de 170.000.000 e matou mais de 3.500.000 no mundo. Desgraçadamente o Brasil com 212.000.000 (2,7% da população mundial) contribuiu com mais de 16.000.000 (9,4%) de infectados e mais de 450.000 (12,9%) mortos.

Pensando em Brasil, convidamos todos a refletirem. Por que nos destacamos nesta tragédia? O que poderia ter sido feito para evitar tantas mortes? Até quando esta doença seguirá “ceifando” vidas? Por que algumas pessoas morrem e outras sequer apresentam sintomas? Quais as consequências pós-Covid nas pessoas que “escaparam”?

Responder essas questões não é simples, porém o controle ou o manejo desta pandemia será descoberto pelas pesquisas científicas, ou seja, a solução virá da Ciência.

Pensando na agricultura do Brasil – por que os prejuízos causados por pragas e doenças aumentam ininterruptamente? O que deveria ser feito para controlar ou manejar? Até quando as “pragas” continuarão causando perdas e prejuízos? Quais as consequências daqui a alguns anos?

Responder às perguntas referentes

à agricultura brasileira também não é simples, porém a resposta é a mesma da pandemia, ou seja, somente as pesquisas descobrirão as causas e as opções de manejo dos problemas.

Diante da importância da ciência, por que as “instituições centenárias” de pesquisas do Brasil estão fechando ou sendo deixadas à “deriva”? Quem realizará as pesquisas para controlar “pragas”, proteger o ambiente, aumentar a produção de alimentos, solucionar os problemas da agricultura realizada

em clima tropical? Será que deixaremos de produzir e passaremos a importar o que temos em abundância?

A decadência das instituições de pesquisa no Brasil está vinculada à globalização e ao “sistema” de governo. Em alguns países o governo define prioridades, seleciona pesquisadores e investe “pesadamente” nas instituições de pesquisa. Em outros países as empresas privadas e as instituições públicas se unem para desenvolver novas tecnologias e produtos. Em vários países o governo espera a maioria dos pesquisadores antigos se aposentarem, não contrata novos cientistas e fecha as instituições.

No Brasil, à medida que o tempo passa os solos estão ficando “cansados” e “doentes”, a disputa por água aumenta, o clima está “esquentando”, novas “pragas” “lambem” as áreas de produção e as instituições públicas de pesquisas agrônomicas infelizmente estão “baixando a porta”.

Antigamente os pesquisadores eram assalariados, respeitados, idolatrados, legítimos doutores e se consagravam descobrindo vacinas ou tecnologias que beneficiavam milhões de pessoas ou hectares de lavouras.

Será que atualmente as pesquisas mais importantes são aquelas que resultam em lucros “imensuráveis” para as “empresas dominantes” que estão surfando na onda da globalização? Será que esta onda nunca “morrerá”? Até quando a humanidade suportará a concentração de renda e a exclusão social? Quem realizará as pesquisas imprescindíveis, mas que não resultam em lucro?



Natalino Shimoyama,
ABBA

NO BRASIL, À MEDIDA QUE O TEMPO PASSA OS SOLOS ESTÃO FICANDO “CANSADOS” E “DOENTES”, A DISPUTA POR ÁGUA AUMENTA, O CLIMA ESTÁ “ESQUENTANDO”, NOVAS “PRAGAS” “LAMBEM” AS ÁREAS DE PRODUÇÃO E AS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE PESQUISAS AGRÔNICAS INFELIZMENTE ESTÃO “BAIXANDO A PORTA”